

## **A gambiarra como cosmotécnica decolonial: Deixa Falar, Portela e Mangueira na reocupação negra do Centro<sup>1</sup>**

Thales Martins<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

### **RESUMO**

Este trabalho, que parte de uma pesquisa em desenvolvimento, busca analisar o histórico de apropriação e inovação tecnológico das escolas de samba Portela, Estação Primeira e Deixa Falar. Toma como recorte a primeira década dos desfiles competitivos das escolas de samba do Rio de Janeiro, iniciada em 1929. O trabalho parte da hipótese de que essas agremiações apresentam elevada capacidade de incorporação de novas tecnologias e dispositivos. Busca-se compreender esse fenômeno a partir da ideia de que estes possam ser compreendidos como tecnologias decoloniais de resistência, a partir dos estudos da epistemologia da gambiarra (Messias, Mussa, 2020).

**PALAVRAS-CHAVE:** Escolas de samba; Gambiarra; Tecnologia; Cosmotécnica

### **CORPO DO TEXTO**

No final do século XIX e início do século XX, as festas<sup>3</sup> de samba eram predominantemente realizadas em ambientes domésticos, como as casas da Tia Tereza, Cypriano Abedé e Tia Ciata (Vagalume 2023, p. 95, 102-103). Inicialmente restritas a espaços privados, essas celebrações começaram a crescer e se diversificar com a expansão da vida urbana, passando a ocorrer em locais específicos, desvinculando-se dos contextos caseiros (Moura, 2004). No entanto, as reformas higienistas iniciadas em 1903, durante a gestão do prefeito Francisco Pereira Passos no Rio de Janeiro, então capital federal, promoveram a expulsão da população negra de áreas centrais da cidade. Nesse contexto, as escolas de samba emergem como forma de retomada desses espaços urbanos,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação e Cultura Popular, evento integrante da programação do 29º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 14 a 16 de maio de 2026.

<sup>2</sup> Mestre em Artes, Cultura e Linguagens, na linha de Cinema e Audiovisual, pelo Instituto de Artes e Design (IAD), da Universidade na Universidade Federal de Juiz de Fora (2023).

<sup>3</sup> Para este resumo, será adotada a definição de Lea Perez Freitas para “festa”: a festa constitui uma forma lúdica de agrupamento social, propícia para a reflexão sobre os fundamentos do vínculo coletivo e da constituição da sociedade. Essencialmente, a festa é transgressora e estabelece um modelo de agrupamento social onde o foco está no ato de estar junto e na própria relação entre os participantes (2002, pp. 17-19).

evidenciando, conforme analisa Muniz Sodré (2023), sua dimensão social e política na reconfiguração da cidade.

As festas de samba realizadas por essa população na região da Praça XI, no centro do Rio de Janeiro, sofreram uma inflexão significativa a partir de agosto de 1927, quando um grupo oriundo do bairro do Estácio fundou o primeiro coletivo carnavalesco a se autodenominar escola de samba, o Bloco Carnavalesco Deixa Falar<sup>4</sup> (Lopes, 1992, p. 53). Estabelecida nas imediações do Largo do Estácio, próximo ao morro de São Carlos, a agremiação consolidou-se como espaço de sociabilidade e criação, reunindo compositores e figuras centrais do samba, como Ismael Silva, Nilton Bastos e Osvaldo Barcelos, entre outros (Costa, 2001).

A partir desse marco, o grupo do Estácio introduziu inovações que transformaram as formas de realização das festas de samba, deslocando-as do âmbito doméstico para o espaço público por meio de cortejos pelas ruas da cidade. Esses cortejos só se tornaram possíveis com a formulação de novos elementos estéticos e organizacionais, bem como com a criação de instrumentos como o surdo e o tamborim, atribuídos a Alcebíades Maia Barcelos, o Bide (Diniz, 2006), fundamentais para sustentar o samba em movimento.

Nesse contexto, embora tais transformações estivessem orientadas à criação de uma nova forma de festejar, acabaram por possibilitar a reocupação simbólica e material de áreas centrais da cidade das quais essa população havia sido anteriormente excluída, reinscrevendo sua presença por meio dos cortejos e das festas de samba nas ruas.

Em janeiro de 1928, José Gomes da Costa, conhecido como Zé Espinguela, organizou, em sua residência no bairro do Engenho de Dentro, um encontro que reuniu representantes dos conjuntos carnavalescos de Oswaldo Cruz, Mangueira e Estácio para avaliar os cortejos realizados no carnaval daquele ano, iniciativa reconhecida como o primeiro concurso entre escolas de samba<sup>5</sup> (Sudoh, 2016). Três anos depois, em 1932, o jornalista Carlos Pimentel propôs ao jornal Mundo Esportivo a cobertura do movimento

---

<sup>4</sup> A origem da primeira escola de samba é objeto de controvérsia. A versão de Ismael Silva, que associava a criação às festas realizadas nas proximidades da Escola Normal no Estácio, é a mais aceita. O radialista Almirante (1908-1980), no entanto, sustentava que o termo "escola de samba" derivava da expressão militar "escola, sentido", que se tornou popular nos regimentos e depois foi adotada nas festas de samba no início do século XX. Almirante atribuiu a origem da primeira escola de samba à Mangueira. Em 11 de abril de 2023, a Portela comemorou seu centenário, declarando-se a mais antiga escola de samba, reacendendo o debate (Costa, 2001, p. 212; Moraes, 1958, p. 298-99; Cardoso, 2024).

<sup>5</sup> O campeão foi o Conjunto Oswaldo Cruz, hoje conhecido como Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela.

dos blocos; a iniciativa resultou no incentivo à realização de desfiles e na organização de concursos com comissões julgadoras<sup>6</sup>. A partir das competições realizadas na Praça Onze, esses grupos passaram a receber subvenções oficiais, contribuindo para sua progressiva institucionalização (Franceschi, 2010). É a partir dessa dinâmica que se pode compreender de que maneira esses grupos retornaram ao centro urbano.

Os desfiles das escolas de samba seguem passando por transformações até os dias atuais, evidenciando seu caráter dinâmico e adaptativo. Como observa Haroldo Costa, essas manifestações não são rigidamente fixadas em seus princípios originais, mas sim fenômenos dinâmicos, suscetíveis às influências e mudanças do contexto ao seu redor (2001, p. 212-213).

As escolas de samba surgem como formas coletivas de organização do samba voltadas à realização de festas em cortejos, sem que houvesse, inicialmente, a intenção de reocupar o Centro do Rio de Janeiro – espaço do qual a população negra havia sido expulsa pelas reformas urbanas do início do século XX. Ainda assim, ao levarem o samba para as ruas por meio de desfiles, essas manifestações acabaram por viabilizar, na prática, esse retorno. Esse processo pode ser compreendido à luz da epistemologia da gambiarra, de José Messias e Ivan Mussa (2020), segundo a qual a tecnologia não se desenvolve de forma linear ou planejada, mas por meio de adaptações contingentes; assim como nas escolas de samba, soluções criadas para finalidades imediatas acabam produzindo efeitos não previstos, reconfigurando usos, espaços e sentidos (p. 175). Parte-se, portanto, da hipótese de que essa dinâmica estrutura a formação e o desenvolvimento das escolas de samba, permitindo compreendê-las, no âmbito desta pesquisa, como formas análogas de gambiarra e, conseqüentemente como tecnologias de resistência.

## **METODOLOGIA:**

Para a realização desta pesquisa, será utilizada uma metodologia qualitativa baseada em revisão bibliográfica, com consulta a obras sobre a fundação das escolas de samba do Rio de Janeiro, com ênfase nas três pioneiras: Portela, Deixa Falar e Mangueira. Nesse sentido, conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 183, apud Bertolini, 2018), a revisão bibliográfica vai além da simples reprodução de conteúdo existente, permitindo

---

<sup>6</sup> A campeão foi a Estação Primeira de Mangueira.

que o tema seja abordado sob novas perspectivas e contribuindo para a formulação de conclusões originais.

A arqueologia do saber proposta por Foucault, conforme Gomes (2018, P. 21), oferece um método para a construção de narrativas históricas ao descrever discursos de diversas disciplinas, não com o objetivo de revelar verdades ou continuidades, mas para identificar limites, cruzamentos, controvérsias e enunciados discursivos. Nesse enfoque, o sujeito é analisado como uma função complexa e variável do discurso, enquanto os modos de circulação, valorização e apropriação dos discursos se modificam conforme cada cultura. Para esta pesquisa, pretende-se aplicar esse método consultando publicações da primeira década das escolas de samba na biblioteca digital do Museu Nacional, além de explorar arquivos de áudio e audiovisual disponíveis, buscando compreender a circulação e as formas de expressão dos discursos sobre os objetos estudados.

Após a aplicação da arqueologia do saber, a pesquisa se utilizará do método genealógico de Foucault, que investiga a emergência de sujeitos, objetos e significações nas relações de poder, articulando práticas discursivas e não-discursivas (Moraes, 2018, p. 1). Essa abordagem permite analisar o biopoder e os diferentes dispositivos de saber-poder que estruturam tanto a vida individual quanto a coletiva. Com base nisso, busca-se compreender o contexto histórico e social da formação das escolas de samba no início do século XX, considerando as transformações urbanas e culturais ocorridas no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:**

Com os resultados dessas metodologias em mãos, o próximo passo será analisar os três objetos escolhidos – as escolas de samba Deixa Falar, Portela e Mangueira – a partir da Epistemologia da Gambiarra (Messias; Mussa, 2020). A proposta é compreender essas escolas como gambiarras não apenas em termos técnicos, como soluções para problemas, nem apenas em termos políticos, como respostas à precariedade, mas também enquanto processos estéticos e afetivos. Nesse sentido, a gambiarra envolve sensações, intensidades e intuições, constituindo uma experiência sensível na qual conhecer e sentir se entrelaçam. Assim, ela se apresenta como um conjunto de elementos em ação, capaz de produzir modos de existência e mundos compostos por múltiplos elementos em

interação, revelando dimensões estéticas, afetivas e sociais que vão além da funcionalidade ou da política.

### **ANÁLISE:**

A pesquisa em desenvolvimento sustenta que as escolas de samba apresentam elevada capacidade de incorporação e ressignificação de tecnologias e dispositivos. Como hipótese, propõe-se que isso decorre do fato de que essas agremiações podem ser compreendidas como gambiarras que, ao longo da trajetória de sua criação, se consolidam como tecnologias periféricas de resistência. A gambiarra, nesse contexto, não é apenas uma solução prática, mas um modo de existência que emerge de contextos historicamente marcados pela exploração e pela necessidade de reinvenção – especialmente da população negra –, operando como uma forma de criar mundos possíveis, como sugerem José Messias e Ivan Mussa (2020, p. 178-179).

### **CONCLUSÃO:**

Para Yuk Hui, a técnica deve ser compreendida como cosmotécnica, isto é, como resultado das relações entre humanos e seus meios em contextos localizados. Em diálogo com a perspectiva pós-colonial de Walter D. Mignolo, Hui propõe sua ampliação ao sustentar que a análise da tecnologia deve contemplar não apenas as dimensões narrativas e de poder, mas também sua materialidade e operação (Hui, 2016; Mignolo, 2011 apud Messias; Mussa, 2020, p. 184). Nesse horizonte, a Epistemologia da Gambiarra, formulada por José Messias e Ivan Mussa, apresenta-se como uma cosmotécnica localizada, entendida como um processo em constante formação, marcado pela sobreposição de diferentes etapas e mediadas em múltiplas escalas, que se configuram de modo contingente e se realizam sob condições de precariedade (2020, p. 184). É a partir dessa perspectiva que a presente pesquisa propõe analisar as escolas de samba, buscando inaugurar uma nova abordagem para compreender as agremiações e suas relações com novas tecnologias e dispositivos.

### **REFERÊNCIAS**

BERTOLINI, Jeferson. O conceito de biopoder em Foucault: apontamentos bibliográficos. **Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 18, n. 3, 2018. DOI:



10.21680/1984-3879.2018v18n3ID15937. Disponível em:  
<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/15937>. Acesso em: 28 mar. 2026.

CARDOSO, Rafael. Escola de samba mais antiga do Rio, Portela celebra 100 anos. **Agência Brasil**. 11 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/escola-de-samba-mais-antiga-do-rio-portela-celebra-100-anos>. Acessado em: 19 ago. 2024.

COSTA, Haroldo. 100 anos de Carnaval no Rio de Janeiro. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001. In: DINIZ, André. **Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FILHO, Luis Carlos Fontes. **Enredos da liberdade: o grito do samba pela democracia**. episódio 2: esse povo quer falar de si: 1982-1983. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11870311/?s=0s>. Acesso em: 26 jun. 2024.

FRANCESCHI, Humberto M. **Samba de sambar do Estácio: de 1928 a 1931**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

PEREZ, Lea Freitas. A Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro. (Org.). **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOMES, Roger Marcelo Martins. A arqueologia do saber: uma proposta metodológica para a análise do discurso em **História**. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, v. 6, n. 3, p. 19–26, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2018v6n3p19-26>. Acesso em: 15 mar. 2026.

LOPES, Nei. **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido-alto, Calango, chula e outras cantorias**. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

MESSIAS, José; MUSSA, Ivan. **Por uma epistemologia da gambiarra: invenção, complexidade e paradoxo nos objetos técnicos digitais**. Matrizes, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 173–192, jan./abr. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p173-192>

MORAES, Eneida. **História do Carnaval Carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

MOURA, Roberto M. **No princípio, era a roda: um estudo sobre samba, partido alto e outros pagodes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MORAES, Marcos Vinicius Malheiros. Genealogia - Michel Foucault. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2018. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/genealogia-michel-foucault>. Acesso em: 28 jan. 2026.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a formação social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

SUDOH, Marcello. O primeiro concurso de samba, 1928. **Portela Cultural**, Rio de Janeiro, 12 out. 2016. Disponível em: <https://www.portelacultural.com.br/2016/10/12/o-primeiro-concurso-de-samba/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

VAGALUME, Francisco Guimarães. **Na roda do samba**. Niterói: Serra da Barriga, 2023.